

O saldo do desperdício

CONCLUIR os 105 Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), como pretendeu o Presidente Fernando Collor, custaria aos cofres da União Cr\$ 1,3 bilhão. E construir os 216 previstos para se completar o Programa Especial de Educação, lançado em 1983 pelo Governador Leonel Brizola, levaria mais Cr\$ 2,8 bilhões. Ao todo, Cr\$ 4,1 bilhões, para atender a uma parcela minguada da população escolar de Primeiro e Segundo Graus servida pelas 2.710 escolas da rede pública estadual.

É A informação que a Secretaria estadual de Educação e a Empresa de Obras Públicas do Estado (Emop) vão passar ao Governo federal, para que este pondere melhor o que encarara como um investimento promissor: pelo preço da conclusão dos 105 Cieps poderiam ser construídas 429 escolas moduladas.

O DESPERDÍCIO de dinheiro público que seria agora a conclusão dos Cieps leva inevitavelmente à pergunta: o que não vale a pena concluir terá jamais valido a pena começar? E, à parte essa desproporção desmedida entre

custo e benefício, os Cieps representaram algum programa de educação?

O QUE parece ter sobrado dos Cieps é o visual. E vê-los acabados deve satisfazer mais à complacência no padrão estético que eles criaram e fixaram que ao empenho em democratizar a educação e em fazer da escola pública um instrumento de redução das desigualdades sociais. Porque o desperdício não é magnanimidade; ele é predicado da arrogância. E esta é visceralmente elitista.

PRONTOS ou em construção, ficou evidente quanto os Cieps eram destinados a peças publicitárias de uma campanha eleitoral. Cuja proposta política farsesca os custos desmascaram: eles não reduziram as desigualdades sociais; aguçaram-nas. Eles se ergueram, fechando-se os olhos sobre a manutenção do terceiro turno em tantas escolas públicas — fazendo, portanto, da escola em tempo integral um privilégio flagrante. Eles surgiram, novos em folha, enquanto outros prédios escolares eram abandonados à própria deterioração. E eles sequer se adequaram, com a

jornada escolar de oito horas, às peculiares condições socioeconômicas das comunidades carentes em cujo meio se instalaram.

NÃO HOUVE, portanto, aqui no Rio de Janeiro, o equívoco frequente de certas autoridades educacionais, que priorizam a construção de prédios escolares modelares sobre a concepção da educação pública e seu aprimoramento. O que em outros é equívoco e despreparo, aqui foi intencional e premeditado: o programa dos Cieps foi uma fachada. Porque não se viu viabilizado centro algum de excelência em matéria educacional, a justificar o qualitativo de especial; e porque tal educação pública se restringiu na oferta, na proporção em que soube concentrar os recursos.

POR mais que se reclamassem da herança pedagógica de Anísio Teixeira, faltou concepção aos Cieps. Em compensação, sobrou o cartão-postal; ou o pano de fundo para uma promoção política, pela televisão. É sempre negativo o saldo do desperdício.